

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
CAPÍTULO 2	11
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
CAPÍTULO 3	21
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
CAPÍTULO 4	32
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
CAPÍTULO 5	45
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
CAPÍTULO 6	53
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
CAPÍTULO 7	65
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
CAPÍTULO 8	84
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

CAPÍTULO 9	97
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2361903129	
CAPÍTULO 10	107
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
DOI 10.22533/at.ed.23619031210	
CAPÍTULO 11	118
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031211	
CAPÍTULO 12	133
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
DOI 10.22533/at.ed.23619031212	
CAPÍTULO 13	141
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031213	
CAPÍTULO 14	148
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
DOI 10.22533/at.ed.23619031214	
CAPÍTULO 15	157
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.23619031215	
CAPÍTULO 16	174
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031216	

CAPÍTULO 17	183
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031217	
CAPÍTULO 18	192
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.23619031218	
CAPÍTULO 19	200
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.23619031219	
CAPÍTULO 20	211
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.23619031220	
CAPÍTULO 21	227
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031221	
CAPÍTULO 22	237
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.23619031222	
CAPÍTULO 23	248
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
DOI 10.22533/at.ed.23619031223	
CAPÍTULO 24	260
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.23619031224	

CAPÍTULO 25	271
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
Marlene Ricardi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23619031225	
CAPÍTULO 26	279
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
Nila Michele Bastos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.23619031226	
CAPÍTULO 27	293
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
Valter Luiz de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.23619031227	
CAPÍTULO 28	305
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031228	
CAPÍTULO 29	317
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
Paula Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031229	
CAPÍTULO 30	330
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
Valeria Portugal	
DOI 10.22533/at.ed.23619031230	
CAPÍTULO 31	336
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
Nicole Naomi Handa Nomura	
DOI 10.22533/at.ed.23619031231	
CAPÍTULO 32	341
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
Mônica Chiffolleau	
Juliana Dias	
DOI 10.22533/at.ed.23619031232	
CAPÍTULO 33	348
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
Nelson de Jesus Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031233	

CAPÍTULO 34	356
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Sabrina Sales Araújo Patrícia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.23619031234	
CAPÍTULO 35	368
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
Vera Maria Ferreira Rodrigues Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.23619031235	
CAPÍTULO 36	374
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
Valessa Leal Lessa de Sá Pinto Angelo Santos Siqueira Abel Rodolfo Garcia Lozano Sérgio Ricardo Pereira de Mattos Jhoab Pessoa de Negreiros Tereza Luzia de Mello Canalli Geovane André Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031236	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	385
ÍNDICE REMISSIVO	386

SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ

Nelson de Jesus Teixeira Júnior
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Barreiras-BA

PALAVRAS-CHAVE: Sosígenes Costa;
Literatura brasileira; Modernismo; Crônica.

SÓSMACOS: THE MODERNISMO SEEN FOR THE SIDE OF HERE

RESUMO: Sosígenes Costa, mesmo distante dos vanguardistas paulistanos, levava ao público da Bahia Novecentista um pouco desse contexto modernista até então vigente, o que terminava viabilizando ao Sul da Bahia, em 1928, em pleno auge do cacau como definidor de modos de pensar e de viver, o acesso ao que de mais revolucionário havia na criação literária brasileira. Nesse ato de elaboração literária, as possibilidades entre a escrita jornalística e a escrita literária se fundem na pretensão de informar e formar opinião acerca do novo apresentado pelo Sosígenes Costa. O objetivo desse texto é apresentar – criticamente – através da análise de algumas passagens da crônica modernista intitulada de “Coerências”, escrita pelo escritor baiano em 1928, o Modernismo através do personagem Sósmacos. Trata-se de uma narrativa em que, mesmo escrita e publicada fora do eixo Rio de Janeiro - RJ / São Paulo - SP, ocupava as páginas do jornal *O Diário da Tarde*, de Ilhéus-BA, e trazia (de modo peculiar) aos leitores baianos o que ocupava os grandes centros nas décadas iniciais do século XX, a saber: o Modernismo brasileiro.

ABSTRACT: Sosígenes Costa, even far from São Paulo's avant-garde, brought to the public of Bahia Novecentista a little of this modernist context hitherto prevailing, which ended up enabling the south of Bahia, in 1928, in the midst of cocoa as defining ways of thinking and living , access to the most revolutionary in Brazilian literary creation. In this act of literary elaboration, the possibilities between journalistic writing and literary writing merge in the intention of informing and forming opinion about the new presented by Sosígenes Costa. The purpose of this text is to present - critically - through the analysis of some passages of the modernist chronicle entitled “Coherences”, written by the Bahian writer in 1928, Modernism through the character Sósmacos. It is a narrative in which, even written and published outside the Rio de Janeiro - RJ / São Paulo - SP axis, it occupied the pages of the newspaper *O Diário da Tarde*, from Ilhéus-BA, and brought (in a peculiar way) to Bahian readers what occupied the major centers in the early decades of the twentieth century, namely: Brazilian Modernism.

KEYWORDS: Sosígenes Costa; Brazilian literature; Modernism; Chronicle.

Sosígenes Costa foi um poeta e cronista baiano que publicou diversas crônicas na década de 1928 no jornal *O Diário da Tarde*, de Ilhéus-BA, e mesmo escrevendo fora do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, o cronista não estava alheio aos acontecimentos literários que tomavam os grandes centros do Brasil. Na narrativa escolhida para análise, o baiano traz à baila a figura do Sósmacos, “personagem” comum nas crônicas da Coluna intitulada Diário de Sósmacos, assinada pelo pseudônimo de Príncipe Azul. Entretanto, o que parece ser somente um anagrama do próprio nome (Sosígenes Marinho da Costa), já indicado por Gilfrancisco (2001), Sósmacos é também uma alusão à reunião de referências integrantes e desestabilizadoras que tomavam os grandes centros, a saber, o movimento do Modernismo brasileiro. Tentaremos apresentar, neste artigo, a forma como a narrativa datada de 19/03/1928, com o título de “Coerências”, apresentava o Modernismo a partir de Sósmacos.

Ao tecer algumas considerações sobre o Modernismo brasileiro, tempo em que Sosígenes Costa elabora essas narrativas, Antônio Candido recupera um dos traços desse movimento literário, o de reler (e ressignificar) o homem nesse novo cenário nacional, o qual pode ser visto como um sujeito deslocado, fragmentado e híbrido, o que reforça suas qualidades. Candido afirma que:

O Modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades. A filosofia cósmica e superficial, que alguns adotaram certo momento nas pegadas de Graça Aranha, atribui um significado construtivo, heróico, ao cadinho de raças e culturas localizado numa natureza áspera. (CANDIDO, 2006: 127)

Na citação acima nos deparamos com uma referência a Graça Aranha, o qual fundamenta o pensamento de Antônio Candido, tendo em vista que em *Canaã* Aranha possibilita a discussão, também, sobre a figura do imigrante no Brasil, a qual reforça essa constituição do sujeito moderno brasileiro através da heterogeneidade racial. Nesse contexto, a personagem Macunaíma representa bem essa constituição do EU a partir do OUTRO.

Partindo para a narrativa de Sosígenes Costa, o título da crônica em análise parece óbvio: “Coerências”. Até seria, se o tempo em questão o fosse, contudo, o que o Modernismo trazia de mais peculiar era sua fragmentação a partir das sinuosidades estéticas que pairavam sobre o cenário literário nacional desde a década de 1900. Por outro lado, pelas “incoerências” se constituía a coerência de Sósmacos. No texto em questão, mais precisamente no primeiro parágrafo, o narrador faz questão de esclarecer que não é o Sósmacos, de modo que a personagem central (Sósmacos) dessas narrativas é um outro que não se inscreve no texto pelas próprias mãos. A partir dessas estratégias discursivas de afastamento entre narrador e personagem, a personagem central pode ser tomada como a figura que lê o seu entorno a partir das suas “próprias” sensações desconexas, conforme segue abaixo:

Eu não posso nem devo prescindir das locuções eruditas e figuras arrevesadas, nestas memórias que estou traçando da vida de um tão grande extravagante. Devo transmitir ao público os símbolos, que disparam da cabeça desse nosso sonhador Sósmacos, pintados tais quais os apanho e colijo, com vocábulos esdrúxulos e anilina aberrante. Sou naturalmente compelido a tais extremos e auges pela força impositiva da coerência, senhora com quem devemos manter sempre estreitas relações de amizade. (COSTA, 2001: 151)

O parágrafo em análise traz uma das marcas de Sósmacos, a relação que a personagem mantém com o seu tempo, nesse caso, um tempo repleto de transformações estéticas que circulavam pelo país através do ideário modernista. Desse modo, aqui parece nítido que o narrador afasta-se do personagem para que, em processo de identificação, autor e leitor se identifiquem, quando pertinente, com Sósmacos.

A identidade de Sósmacos parece ser constituída pela sua linguagem, memória e percepção simbólicas, que saem de si sobre seu entorno. Desse modo, podemos relacionar sua forma de ser ao que aconteceu e acontece ao seu redor, conforme explica Stuart Hall:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2005: 11)

Essa explicação de Hall permite esclarecer que a estratégia discursiva do narrador afastar-se de Sósmacos é, antes de tudo, uma forma de afastando-se da personagem, possibilitar ao leitor uma “compreensão” imparcial sobre esse sujeito estranho e, ao mesmo tempo, familiar (pois vestia-se dos “fenômenos” que ocupavam os grandes centros), que é o Sósmacos.

A crônica apresenta como traço marcante o caráter fragmentário, ou seja, traz para o texto as referências desconexas e digressivas que deverão ser inter-relacionadas pelo leitor. Nessa narrativa sosigeniana não é diferente, já que na passagem do segundo parágrafo o narrador traz a figura do Barão do Sapo Preto. A nossa recepção sobre essa figura, a qual parece tomar um aspecto de representação da tradição, é que indica a contramão de Sósmacos. Nesse caso, o leitor fica diante de duas representações: o moderno (Sósmacos) e o tradicional (Barão de Sapo Preto). Segue a passagem:

O Barão do Sapo Preto não está, porém, pelos autos. Acha que eu me desboco em rijo espadanar de fraseados absurdos e desconcertantes hipérbolos. Nem que o futurismo não estivesse em moda. Nem que o seu credo não fosse esposado pela fauna intelectual de rija envergadura e grande bico. (COSTA, 2001: 151)

Cabe lembrar que a figura do Barão do Sapo Preto apresenta uma relação estreita com “Os Sapos” (Enfunando os papos / Saem da penumbra [...] / O sapo-tanoeiro / Parnasiano aguado [...]) de Manoel Bandeira (1918), nesse caso, os sapos reforçam um apego às tradições literárias, composicionais, comportamentais, enfim,

de “velhas” maneiras de ver o mundo. Nesses caminhos contraditórios, caberia ao leitor fazer a melhor escolha de identificação: Sósmacos ou Barão do Sapo Preto? O novo ou o antigo?...

No parágrafo seguinte da crônica, o narrador mantém os dois personagens (Barão de Sapo Preto e Sósmacos), agora não para realçar suas diferenças, mas para destacar a figura do Sósmacos como alguém original na formulação das suas ideias. Nesse caso, não poderíamos deixar de associá-lo ao próprio movimento modernista, o qual trazia em seu “núcleo” (fragmentado) a presença do novo, ainda que o antigo estivesse sendo apropriado de modo diferente. Segue a passagem em análise:

O Barão do Sapo Preto deve convir em que das idéias de Sósmacos só devem brotar idéias próprias de Sósmacos. A simplicidade neste homem é um mito. Sósmacos simples e desafetado não é Sósmacos. Sósmacos sem arrojos, salgalhadas, foguetes de lágrima e fogos de bengala, encarna outra tendência a que eu, decididamente, me não propus criticar. (COSTA, 2001: 151)

Acima percebemos, ainda, a mudança de plano do personagem Barão de Sapo Preto, o qual passa à condição de expectador de Sósmacos. É como se o Parnasianismo, personificado na figura do Barão, intimidado pela presença do Modernismo (Sósmacos), observasse sentado e atônito a passagem desse fenômeno estético. Entretanto, Hélio Pólvora (2004) mesmo reconhecendo o moderno em Sosígenes Costa, indica sua aproximação à forma de elaboração poética parnasiana e simbolista.

Apesar de “superar” o Parnasianismo e o Simbolismo, não podemos considerar o Modernismo como um movimento destruidor desses sistemas literários, afinal, o que há é uma ressignificação, ou seja, ainda que se distancie, se distancia a “partir de”. Walter Benjamin apresenta uma dessas relações na modernidade, as quais poderiam ser aplicadas no cenário do Modernismo brasileiro:

De todas as relações estabelecidas pela modernidade, a mais notável é a que tem com a antiguidade. A modernidade assinala uma época; designa, ao mesmo tempo, a força que age nessa época e que a aproxima da antiguidade. (BENJAMIN, 1975: 80)

Conforme possibilita pensar a citação acima, o novo (Modernismo) dialoga com o antigo (Parnasianismo, Simbolismo...). Por isso, falar sobre a figura do Sósmacos é, também, discutir sobre as particularidades que há no Barão do Sapo Preto na crônica de Sosígenes Costa.

Retornando à ideia de movimento literário representado na figura do Sósmacos, destacamos uma das funcionalidades da crônica, que é a de recuperar o cotidiano, de modo ficcionalizado, para o leitor. O leitor novecentista deste texto, ainda que não estivesse a par de todo o ideário modernista, podia ter acesso, mesmo que no modo hermético do texto, às “excentricidades” do que se tornaria familiar mais adiante. O Modernismo aparece para esse leitor em moldes de apreciação, o que parece ser contraditório (uma escrita para não ser compreendida de imediato) é, na verdade,

uma estratégia original de se apresentar o novo a partir das imagens verbais. Nesse sentido, Sósmaços parece ser um “ser”, primeiro, das imagens. Gilfrancisco (2001) já indicava a maneira particular de Sosígenes Costa criar, pois o baiano de Belmonte-BA elaborava as imagens em fascínio de cores e movimentos, o que terminava chamando a atenção do leitor.

De fato, nesse cenário do Modernismo brasileiro a participação do escritor é de suma importância, pois o mesmo acaba não somente trazendo as novidades modernistas, mas, também, preparando e traçando o perfil do leitor do século XX. Sobre esse papel, vale apresentar o que afirma Frederick Karl:

O modernismo nasceu do reconhecimento de que, nos interstícios do conhecimento, existe um universo inteiro de coisas que não podem ser mapeadas; de que, nas juntas de todos esses dados abundantes há outros dados que não possuem coordenadas a não ser no espírito do artista; e de que tal artista dissidente é o único que pode, verbal, visual, auditivamente juntar as multiplicidades que tornam a vida moderna tão compartimentalizada. (KARL, 1988: 115)

O modernismo é, antes de tudo, uma ruptura da linguagem, já que ela (a linguagem) é símbolo “estável” (no sentido enciclopédico) de uma pessoa, comunidade e país. Mudar a linguagem acrescentando neologismos, retirando a pontuação como demarcador de sentido, acrescentando valores semânticos às palavras é, de certa maneira, mostrar o novo através do mesmo (a linguagem).

No quarto parágrafo da narrativa sosigeniana há uma assertiva que indica a ideia de separação entre quem narra e o que é narrado. Essa assertiva deve-se ao fato de que a linguagem de Sósmaços recupera todo um imaginário típico da escrita literária, entretanto, faz parte do próprio processo elaborador e desintegrador do Modernismo:

À primeira vista pode parecer que nem tudo que escrevo é fruto do engenho de Sósmaços, ou que eu tire partido de suas excentricidades e delas me aproveite para dar vazão a chorrilhos agudos de expressões rebuscadas que, porventura, andem cá dentro do meu cérebro a lidar por livrar-se de uma dilatada contenção. O Barão de Sapo Preto, a despeito de ser tão insigne e cabal, formularia, neste caso, outro juízo que a infidelidade cobrirá, mais uma vez, de crepes funerários. (COSTA, 2001: 151 – 152)

O Barão de Sapo Preto surge em “cena” como uma baliza entre o novo e o arcaizante, entre a língua usual e a língua enciclopédica. Novamente, o Sósmaços toma espaço como a representação do que há de mais atual, ainda que soe com aspecto de requinte para o leitor da narrativa.

É preciso lembrar que o suporte dessa crônica, a página jornalística de *O Diário da Tarde*, de Ilhéus-BA, permitia a seu público um acesso à sofisticação crescente da linguagem modernista. Sob esse ângulo, vale pensar acerca do que Lúcia Santaella (1996) aborda sobre o jornal impresso, indicando que conseguiu transformar o caráter verbal da palavra escrita, a qual passou a adquirir uma plasticidade gráfico-imagética:

O jornal compõe-se da interação e simultaneidade da linguagem verbal escrita, da linguagem fotográfica e da linguagem gráfica, evidente está na variação do tamanho e posição dos tipos gráficos no espaço da página como aspecto substantivo da mensagem. (SANTAELLA, 1996: 46)

A relação entre jornal e língua permite-nos refletir sobre o processo de *seleção, combinação e autodesnudamento* (propostos por Wolfgang Iser), usados pelos escritores que habitam esse espaço da escrita. Principalmente os cronistas, os quais permitem que o texto traga consigo as marcas do fingimento, em que o escrito passa a não ser um mero retrato da realidade, tampouco um reduto fechado da ficção.

As referências a Sósmacos como aquele que indica o Modernismo, continua na narrativa em análise. No antepenúltimo parágrafo, o narrador mantém a tônica de associá-lo ao seu tempo, dessa vez traz a figura do palhaço como aquele que está, também, entre os que se assemelham ao Sósmacos: “Sósmacos é personalíssimo. É interessante como os palhaços estrafalários, os norte-americanos e os talentos egocêntricos.” (COSTA, 2001: 152). Nessa passagem da crônica percebemos, novamente, um diálogo com Manoel Bandeira, mais precisamente, com o seu poema “Poética”, no qual o “lirismo dos clowns de Shakespeare” é evocado. O palhaço a que se refere o narrador sosigeniano parece estabelecer relação com os clowns citados por Bandeira, afinal, essa figura (do palhaço) traz, em si, toda uma flexibilidade contorcionista e performática que pode, sem prejuízo algum, ser associado ao autor modernista que usa do “mesmo” artifício para captar, a partir dos vários ângulos, o lirismo contido no cotidiano local.

Em outro parágrafo da crônica, o narrador traz algumas das fontes de Sósmacos, as quais indicam, por certos “distanciamentos” artísticos, as “aproximações” necessárias para a constituição desse Modernismo representado na figura do Sósmacos. Apesar de podermos detectar possíveis fontes diferentes das que o narrador apresenta, as aqui apresentadas não podem ser esquecidas. Segue a passagem:

Pena é que eu não possa descrevê-lo como a sua originalidade pede. Além de tudo, Sósmacos é paradoxal. Lê Graça Aranha, adora Wilde e acende velas a Bernardes e a Castilho sem deixar de orar pelas alminhas dos gongóricos. Navega nas nuvens e descansa com a “dama da marsúpia” nos contos da lua. Pretende descobrir a pedra filosofal com o simples concurso da água do mar e é amigo íntimo dos faraós ultimamente ressuscitados. (COSTA, 2001: 152)

As fontes de Sósmacos já denunciam as coerências próprias do Modernismo, pois se não traz coerência na unidade dos pensamentos, apresenta coerência na diversidade do seu tempo: o estilo rebuscado do gongorismo (tão peculiar no Barroco e, depois, toma forma como Neobarroco), os escritos de Graça Aranha - um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922 -, bem como as expressões literárias de António Feliciano de Castilho (supomos ser esse Castilho) etc.

Antônio Candido apresenta, entre as várias informações que o leitor usará para compreender a obra literária, uma que aponta para alguns denominadores

“intrínsecos” e “extrínsecos” da literatura e que fazem parte do que ele chama de “aspecto orgânico da civilização”. Segue a passagem:

[...] um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (CANDIDO, 2007: 23)

Nessa forma organizada por Candido ao realizar sua crítica, o autor traz o “sistema” como conceito de organicidade do fenômeno literário, desse modo, o autor, a obra e o leitor não serão tomados como referenciais isolados, mas, interrelacionados de modo que viabilizarão a compreensão da formação de nossa literatura. Tal perspectiva escolhida parece ser a mesma usada por Sósímacos, o qual indica suas fontes enquanto “inspirações” que constituem o seu modo de pensar.

No último parágrafo dessa narrativa de Sosígenes Costa, encontramos um fechamento que, rompendo com a ideia (ou expectativa) de linearidade, não recupera o protagonista Sósímacos, mas a tradicional figura do Barão do Sapo Preto, o qual retoma o final da narrativa enquanto uma alusão ao seu espaço, que pode ser compreendido, conforme indicado antes, como o lugar da tradição. Segue a passagem em questão:

Já se crê, pois, que não pode ser admitido na cidade de marfim da simpatia do Barão do Sapo Preto, fidalgo de tigela inteira, diante de cujos olhos “mademoiselle” Mediocridade, soberana de todos de todos nós, se espenuja reunidamente e tem, lá para seu lado dele, justos requebros, engrimanços e predileções. (COSTA, 2001: 152)

Nessa última passagem, observamos uma alusão ao espaço do Barão, o qual representa os vestígios comportamentais (tais como, por exemplo, a mediocridade) ainda imperantes no cenário de “acomodação” do Modernismo brasileiro. Mesmo chegando com força, o novo (Modernismo) operava em espaços ainda reinados pela tradição (Parnasianismo etc).

Nessa alusão ao tradicional e ao moderno enquanto “situações” que ocupam o mesmo espaço, a narrativa abre espaço à intervenção do leitor, visto que o espaço em questão é, também, o território local de quem lê. Essa representação na narrativa possibilita recuperar o que afirmou Roger Chartier:

A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. (CHARTIER, 1988: 63)

Com isso, o real representado na crônica sosigeniana transcende as folhas jornalísticas, posto que o leitor, ainda que não compreenda todas alusões e metáforas da narrativa, adicionará sentidos ao que lê.

Por fim, Sosígenes Costa conseguiu traçar nessa crônica o que de mais particular havia no Modernismo brasileiro, suas coerências definidas e definidoras a partir do distanciamento e aproximação com o lado oposto ao movimento, isso através

das figuras do Sósmacos e do Barão do sapo Preto. Nessa narrativa há, portanto, um “jogo” de inscrição de imagens e de ideias que, ainda que não completamente compreendidas, trazia ao leitor baiano o Modernismo brasileiro e, nesse sentido, a crônica possibilitava acesso ao cotidiano da “metrópole”, visto pelo lado de cá, da Bahia de 1928.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos 1750 - 1880. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

COSTA, Sosígenes. *Crônicas & poemas recolhidos*. Pesquisa, introduções, notas e bibliografias de Gilfrancisco. Salvador: Fundação Cultural de Ilhéus, 2001.

GILFRANCISCO. *Introdução: A Pesquisa*. In.: COSTA, Sosígenes. _____. *Crônicas & poemas recolhidos*. Pesquisa, introduções, notas e bibliografias de Gilfrancisco. Salvador: Fundação Cultural de Ilhéus, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

KARL, Frederick. *O moderno e o modernismo: a soberania do artista, 1885-1925*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

PÓLVORA, Hélio. *Sosígenes Costa e o modernismo literário: uma crônica de escaramuças, ironias e afagos*. In: MATTOS, Cyro de; FONSECA, Aleilton. *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus: Editus/UEFS, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

MARISTELA CARNEIRO- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições confessionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-823-6



9 788572 478236